

DISCUTINDO A TENDÊNCIA DECLINANTE DA TAXA DE LUCRO EM MARX

SÍLVIO A. F. CÁRIO (*)
MARCOS A. VALENTE (**)
RICARDO V. SILVA (**)
ROBERTO MEURER (**)

INTRODUÇÃO

A crise econômica em que está inserido o capitalismo nos dias atuais, tem levado a uma maior reflexão sobre suas diferentes interpretações. No âmbito da teoria marxista a crise pode ser priginada como problema de realização, de desproporcionalidade dos setores e de superacumulação de capital. Enquanto as duas primeiras centralizam suas atenções no processo de circulação, a última tem sua origem na esfera da produção.

Marx, apesar de não negar a importância da realização e do necessário desenvolvimento proporcional dos setores produtores dos meios de produção e consumo na dinâmica da acumulação capitalista, centraliza com maior conotação a tendência inexorável a crise, a partir da tendência declinante da taxa média de lucro.

Para Marx, a medida que o capitalismo avança, a mesma lei que o leva à valorização o conduz à crise, contudo, tenta atenuar esta tendência através da atuação de diferentes mecanismos numa luta desenfreada para evitar a desvalorização do capital.

Neste sentido, este "paper" procura enfocar as bases teóricas para o entendimento das constantes crises inerentes a expansão e desenvolvimento do modo de produção capitalista, ou seja, a tendência declinante da taxa geral de lucro.

(*) Professor do Departamento de Economia da UFSC e Coordenador do GEPEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia Política.

(**) Estudantes de Economia da UFSC e Membros do GEPEP

TEXTOS ECON.	FPOLIS	SC	N.2	Pg. 24-40	JUNHO	1987
--------------	--------	----	-----	-----------	-------	------

1 - NATUREZA DA TAXA DE LUCRO

No capitalismo, a parte do valor-capital adiantado como capital constante se transfere integralmente para a mercadoria durante o processo de produção. Um aumento no valor-capital, adiantado como capital constante, seja por meio de aumento no preço dos meios de produção ou por acréscimo do número destes, acarretará um aumento relativo no preço da mercadoria.

Entretanto, não é o mesmo que acontece com o outro elemento do preço de custo, a parte despendida em força de trabalho. Deste todo o valor criado no processo de produção pela força de trabalho, apenas uma parte serve para pagar o capital adiantado na sua compra e outra parte que resta constitui-se de mais-valia, trabalho não pago. Esse valor-capital adiantado não entra na produção de valor novo porque no processo de produção é substituído pela força viva de trabalho, que "cria valor". Segundo Marx (1980 : 31),

"a força de trabalho é valor com referência ao adiantamento de capital, mas, no processo de produção tem a função de criar valor".

A força de trabalho gera um valor acima do que recebe como equivalente a reprodução de suas energias, que se traduz em trabalho pago e não pago. Este procura não reconhecer qualquer diferença na formação do preço a não ser a que engloba o preço de custo, composto do valor-capital adiantado em meios de produção e em força de trabalho, e que reaparece na mercadoria como parte de seu preço. Obscurece a diferença entre capital constante e variável, e não se percebe nenhum elemento que cria valor.

Dentro do processo produtivo, de todo o capital adiantado para a produção da mercadoria, apenas uma parte é consumida na produção, ficando a outra ainda em poder dos capitalistas através da distinção entre capital fixo e circulante. A mistificação do processo de valorização do capital se dá na medida em que essa distinção apenas permite que se demonstre a origem aparente do preço de custo, o qual nada tem a ver com a produção do valor por ser uma categoria ilusória.

Essa distinção obscurece a existência da mais-valia que é acrescida a todo o capital após surgir como diferença entre o

preço de venda e o preço de custo da mercadoria. Essa mais-valia se realiza não como trabalho não pago, mas como lucro proveniente igualmente de todas as partes do capital.

O processo de obscurecimento da origem da mais-valia é acentuado no mercado. A mercadoria, quando encaminhada para a troca, pode ou não ser vendida pelo seu valor. Em caso afirmativo ficaria o valor se realizando na proporção em que foi produzido, e consqüentemente o valor excedente. Caso seja a mercadoria vendida acima do valor em função de fatores de mercado como a concorrência, realiza-se um valor excedente maior do que o produzido. Já o limite mínimo em que pode ser vendida a mercadoria abaixo do seu valor é dado pelo preço de custo. Dessa forma, assume o processo de circulação, mais especificamente a venda de mercadorias, a aparência de geradora de valor excedente, contribuindo para encobrir a verdadeira fonte de valor. Além do mais, apesar de ser gerado na produção, o fato de aparecer só na circulação quando se realiza, contribui para dissimular ainda a origem real do valor, que é na produção.

O tempo de circulação e o tempo de produção se confundem e igualmente parecem determinar a mais-valia. A relação de produção não parece fundamentada na oposição capital-trabalho, mas capital-compradores/vendedores. A mais-valia ao invés de se realizar como produto de trabalho, ao contrário se apresenta como excedente do valor intrínseco da mercadoria. Além do mais, na contabilidade do capitalista - parte do lucro muitas vezes é economia que ele fez comprando mais barato matérias-primas, reduzindo desgaste de maquinaria, etc., contribuindo para dissimular ainda mais a verdadeira fonte de valor.

O processo de valorização do capital só pode ocorrer com a utilização do trabalho vivo que cria valor e isto só é possível com a presença dos meios de produção. Para o capital, a proporção real em que se dá essa valorização é dada pela relação entre o excedente produzido (mais-valia) e a totalidade do capital, ou seja, pela taxa de lucro. A taxa de lucro e a taxa de mais-valia diferem, por ser relação da mesma grandeza (mais-valia) com magnitudes diferentes (capital global e capital variável). A taxa de lucro esconde a verdadeira fonte de valor na medida em que expressa o mesmo comportamento da mais-valia com todo o capital, que dessa forma não revela diferenças internas, a não ser a existente entre capital fixo e circulante. Por sua vez, a taxa de mais-valia não

dissimula a verdadeira fonte de valorização do capital, porque ex pressa o grau de exploração da força de trabalho, põe a nu a rela ção capital-trabalho.

2 - MAGNITUDES CRESCENTES E DECRESCENTES NA TAXA DE LU- CRO

Marx entende que a variação na composição do capital nos diferentes ramos traduzem-se em magnitudes crescentes e decrescentes na taxa de lucro. Esta variação na composição do capital global permite constatar diferenças na taxa de lucro entre ramos in ternos de um país, como também, entre diferentes países.

No mesmo sentido, outros determinantes somam-se a composição do capital, destacando-se o tempo de produção e circulação do capital e a magnitude da taxa de mais-valia, traduzida no maior ou menor grau de exploração da força de trabalho.

As variações internas na composição global do capital representam modificações internas na magnitude do valor expresso através da participação do capital variável e o do capital constante. Neste interior, o capital variável representa a quantidade de trabalho vivo, fonte de criação de valor posta em movimento, e o capital constante, por constituir o trabalho morto representa materialmente o trabalho realizado por determinada quantidade de força de trabalho. A maior ou menor quantidade de capital constante e capital variável implicará na transferência ou criação de va lor, influenciando na determinação da taxa de lucro.

No mesmo sentido, o tempo de rotação influencia no comportamento da taxa de lucro no capitalismo. A diminuição no tempo de rotação do capital expressa a forma pela qual o capital, na busca de acumulação crescente, impõe um ritmo intenso no processo de produção e circulação conduzindo-se a um maior número de rotações por determinado tempo. O montante de excedente obtido, tem na rapidez com que o processo de produção e de circulação se concretizam um importante fator determinante do processo de acumulação na sociedade capitalista.

Se por um lado, o tempo na produção é preenchido, como afirma Marx, utilizando os mais densos poros da jornada de trabalho no processo de criação de mais-valia, por outro, na circulação

ção, por ser um espaço que o capital não tem domínio completo, utiliza diferentes formas para realizar na maior brevidade possível o excedente produzido como resposta ao capital adiantado.

Dentro do processo de valorização do capital, a taxa de mais-valia tem um papel importante a ser destacado pela relação que representa na determinação da taxa de lucro. Representa o trabalho excedente em contraposição ao capital variável. O maior ou menor grau de exploração da força de trabalho traduz-se numa massa de excedente que tem influência direta na determinação da taxa de lucro obtida pela capitalista.

No transcurso das exposições para explicar a formação da taxa de lucro, Marx trabalha com um conjunto de hipóteses ora variando o capital constante, variável, taxa de mais-valia e jornada de trabalho, ora mantendo invariável esta ou aquela categoria, contudo a ocorrência desta ou outra situação, vigora sob a força da concorrência.

Através da concorrência, diferentes capitais apropriam-se de diversas quantidades de trabalho excedentes. Afirma Marx (1980: 179).

"Em virtude das diversas composições orgânicas dos capitais investidos em diferentes ramos de produção, em virtude de capitais de igual magnitude mobilizarem quantidades muito diferentes de trabalho de conformidade com as diversas percentagens que o capital variável representa num capital global de grandeza dada. Apropriam-se esses capitais de quantidades muito diversas de trabalho excedente, ou seja, produzem quantidades muito diferentes de mais-valia. Por isso, originalmente diferem muito as taxas de lucro reinantes nos diferentes ramos de produção. As taxas diferentes de lucros, por força da concorrência, igualam-se numa taxa geral de lucro, que é a média de todas elas".

Quando Marx afirma que o capitalista trabalha com uma taxa média de lucro, quer explicar que na formação do preço das mercadorias, algumas são vendidas abaixo do valor e outras acima do valor, que por força da concorrência, os desvios se

anulariam e o preço de produção seria composto do preço de custo mais a taxa média de lucro dos diferentes ramos.

O capitalista ao vender sua mercadoria, não cobra os valores do capital consumido na produção da mercadoria mais a mais valia gerada no próprio ramo, e sim, os valores do capital consumido na produção da mercadoria mais a parte que cabe na alíquota do capital global da sociedade. Com isso Marx quer afirmar que a sociedade capitalista onde cada capitalista individual é um acionista e que os dividendos repartem-se de acordo com a participação do capital individual no capital global. Afirma Marx (1980:180):

"(...) o lucro acrescentado ao preço de custo, não se regula pela quantidade de lucro que determinado capital produz em determinado ramo em dado tempo, e sim pela quantidade de lucro que corresponde em média, em dado período a cada capital aplicado como parte alíquota do capital global da sociedade empregada em toda a produção".

Longe de pensar que cada capitalista individual impõe o lucro gerado dentro do próprio ramo. Marx entende que o capitalista recupera o capital adiantado mais o lucro médio que é determinado na proporção com que este capital participa na formação do capital da sociedade. Neste sentido, é fundamental verificar a magnitude da composição do capital individual aplicado no processo de transferência e criação de valor.

Desta forma, a composição orgânica do capital expressa nos diferentes ramos, caracterizada pela participação do capital variável e do capital constante em cada capital individual, constitui em elemento que determina a participação relativa deste capital particular no capital total da sociedade.

A sociedade capitalista apresenta diferentes magnitudes de composição de capital que, dependendo da natureza do ramo em que está inserido, apresenta-se abaixo ou acima da composição média. Marx enfatiza que aqueles capitais que possuem maior quantidade de capital constante em relação ao capital variável acima do capital médio da sociedade apresenta uma composição superior. Em sentido contrário, constitui em composição inferior aquele que apre-

senta composição abaixo da média. Aqueles capitais que tem composição superior a média apresentam um valor inferior ao preço da mercadoria estabelecida, ao passo que os que possuem uma composição inferior apresentam um valor superior ao preço do produto, que em função da concorrência possibilita a apropriação do valor por parte daqueles que possuem composição superior da média da sociedade. Marx, com esta observação quer enfatizar que na sociedade capitalista, o preço de produção pode se deslocar do valor, estando abaixo ou acima da parte do valor correspondente aos meios de produção exigidos para sua formação.

Significativa parte das críticas referentes à queda tendencial da taxa geral de lucro na sociedade capitalista remetem à importância atribuída por Marx ao fenômeno social da concorrência entre capitais. Argumentam os porta-vozes críticos, que essa idéia de Marx deixa de encontrar respaldo na realidade, a partir do momento em que o modo de produção capitalista inaugura sua fase monopolista.

Não é objetivo, nesse momento, criticar os críticos da concepção de Marx, nem mesmo, por um outro lado, criticar a própria lei, e nem como foi desenvolvida. Assim sendo, no nivelamento da taxa geral de lucro a concorrência ocupa um papel fundamental. Afirma Marx que o preço de produção é uma forma modificada do valor da mercadoria, onde ao invés da mais-valia, acrescenta-se ao preço de custo o lucro médio dos diversos ramos da produção. Nos capitais de composição orgânica média, ou seja, naqueles cuja composição coincide com a do capital social médio, o preço de produção é igual ao valor das mercadorias, pelo fato de a mais-valia e o lucro médio coincidirem.

Observando a sociedade na sua totalidade, pode-se dizer que a soma global da mais-valia é igual a soma global do lucro, ao mesmo tempo em que a soma total dos preços de produção coincide com a soma total dos valores das mercadorias.

Para Marx, a formação do lucro médio dá-se a partir da migração dos capitais de um ramo de produção para outro, sempre procurando estabelecerem-se nos ramos que, no momento, oferecem uma maior taxa de lucro. Isso implica numa relativa liberdade de movimento para os capitais, assim como para a classe trabalhadora de maneira geral. Existe, no entanto, a hipótese de deter

minados capitais não submeterem-se a este processo de uniformização. Nesse caso, segundo Marx, o lucro médio seria calculado sobre a parte do capital social que participa do processo de uniformização. Hipótese que constitui-se num verdadeiro problema na era do capital monopolista, onde já não são poucas excessões, tal como na época de Marx, os capitais que não entram no processo de uniformização.

A uniformização da taxa de lucro tem como pressuposto o fato de as mercadorias não se trocarem por seus valores reais. A troca de mercadorias por seus valores reais proporcionaria taxas diferenciadas de lucro para os diferentes capitais, de acordo com a quantidade de trabalho vivo que cada capital movimentasse. Na verdade as mercadorias são trocadas a preços tais que proporcionam lucros iguais para quantidades iguais de capitais comprometidos na produção delas. Isso não significa dizer que o valor real das mercadorias não influencia na determinação do nível de preços em que se trocam as mercadorias. Assim, seja qual for a maneira como os preços das mercadorias se regulam a lei do valor governa o movimento delas. Logo, quando o modo de produção capitalista alcança determinado estágio de desenvolvimento a troca de mercadorias efetua-se através de seus preços de produção e não através de seus valores propriamente ditos. Os preços de produção, como dissemos, surgem pelo acréscimo do lucro médio ao preço de custo, portanto, tendo como pressuposto fundamental a concorrência entre os capitais dos diferentes ramos de produção, que é a base da formação desse lucro médio.

Há que se distinguir ainda os preços de produção dos valores do mercado. O primeiro, como vimos, provém da concorrência entre capitais de diversos ramos. O segundo, por seu turno, é consequência imediata da concorrência num mesmo ramo de produção. Para Marx, o valor médio das mercadorias produzidas num determinado ramo é determinado pelo valor de mercado, portanto uma média dos diversos valores individuais das mercadorias produzidas em determinado ramo de produção. Essa média existe devido a não homogeneidade das condições técnicas existentes para capitais do mesmo ramo, possibilitando a existência do superlucro dos capitais que produzem em condições mais favoráveis.

Deve-se ainda considerar que os valores de mercado não

são efetivamente os níveis de preços em que se realizam as mercado rias no mercado. Isso ocorre somente, quando a oferta e a demanda coincidem. Na maior parte das vezes, a relação entre o volume de mercadorias que os fabricantes põem no mercado e a necessidade social dessas mercadorias está em desequilíbrio. Dessa forma os valores de mercado transformam-se em preços de mercado.

Por outro lado, não se pode entender a oferta e a procura como realidades fixas. Elas variam de acordo com as variações dos valores de mercado. Logo, os valores de mercado determinam a relação entre a oferta e a procura e esta relação, por sua vez regula os preços de mercado.

Se num determinado ramo de produção a procura pelas mercadorias aí produzidas superar a oferta, o preço de mercado será determinado pelos valores das mercadorias produzidas nas piores condições. Se ocorre o inverso, ou seja, se a oferta for maior do que a procura o preço de mercado será determinado pelos valores das mercadorias produzidas nas melhores condições. Existe entretanto, na sociedade capitalista, uma tendência contínua para o nivelamento da oferta e da procura, o que explica a tendência para a eliminação dos desvios entre os valores de mercado e os preços de mercado, sendo os primeiros, o centro em torno do qual gravitam os segundos.

Segundo Marx, a formação do lucro médio, deixa claro ainda, um outro aspecto da sociedade capitalista: o capitalista individual está interessado não só na exploração dos trabalhadores por ele diretamente empregados, mas também, na exploração da classe trabalhadora como um todo. O aumento da taxa de exploração da classe trabalhadora de maneira geral irá refletir numa elevação do lucro médio da sociedade. Afirma Marx (1980:223):

"(...) razão por que os capitalistas, embora simulem fraternidade em seu logro recíproco, constituem verdadeira irmandade maçônica ao se defrontarem com o conjunto da classe trabalhadora".

3 - RAZÃO CENTRAL DA TENDÊNCIA DECLINANTE DA TAXA DE LUCRO

O contínuo aumento da produtividade social do trabalho é

um aspecto inerente ao modo de produção capitalista, que somente se reproduz ao longo da história graças a esse aspecto. Isso implica numa constante revolução tecnológica dos meios de produção, necessária ao capitalismo, mas que engendra entretanto contradições internas ao próprio sistema, gerando as crises econômicas que marcam o desenvolvimento do capitalismo.

Essa constante revolução tecnológica exerce influência em primeiro e principal lugar no capital constante e sobretudo no capital fixo. Sabendo-se que a relação entre o capital constante e o capital variável representa a composição orgânica do capital, pode-se dizer que esta vem aumentando progressivamente, considerando que o aumento do capital constante não encontra um aumento proporcional no capital variável, embora sabendo que em termos absolutos este também aumente.

A lei da queda tendencial da taxa de lucro é a expressão econômica inexorável, do aumento da produtividade social do trabalho. É importante perceber que trata-se de uma tendência que pode não manifestar-se por longo tempo, como o próprio Marx o frisou.

Em que consiste basicamente esta lei? Dados a mais valia e o capital variável, a taxa de lucro da sociedade capitalista, que expressa a relação entre a mais valia e o capital global adiantado irá, necessariamente diminuir, se aumentar o capital constante, ou seja, a produtividade social do trabalho. É importante frisar que não é o aumento absoluto do capital constante que causa essa tendência, nem mesmo a diminuição absoluta do capital variável. Trata-se do decréscimo relativo do capital variável.

Para Marx, com o incremento da produtividade do trabalho, um volume maior de capital constante absorverá quantidade menor de capital variável, ou seja, haverá menor quantidade de trabalho vivo movimentando massa maior de trabalho materializado. Sabendo que só o trabalho vivo cria o valor novo, pode-se dizer que este valor diminui em relação ao valor dos meios de produção. Ao decrescer relativamente o valor novo criado, decresce também a mais valia que constitui-se na parte não paga do trabalho vivo que põe em movimento esses meios de produção. Como pôde-se observar, o lucro nada mais é que a mais valia que brota de todas as partes do capital, na compreensão invertida do capitalista.

Entendendo que somente uma parte do capital global dá

origem à mais valia, isto é, a parte destinada ao pagamento da força de trabalho, o capital variável, mesmo que aumente a mais valia, a taxa de lucro poderá continuar caindo. A relação que existe entre a taxa de lucro e a taxa de mais valia não é uma relação direta, embora ambas sejam sensíveis aos aumentos da mais valia. O fato é que a mais valia expressa o nível real de exploração do trabalho. Aumentando a mais valia, permanecendo constante o capital variável, deve necessariamente aumentar a sua taxa. Isso não ocorre com a taxa de lucro.

Esta pode diminuir mesmo com um aumento considerável da mais valia e mesmo permanecendo constante o montante de salários, desde que aumente a produtividade social do trabalho, advindo da presença do capital constante. Pode-se, também, a partir destas observações, concluir que a distribuição do lucro na sociedade em suas diversas partes em nada influencia na lei que rege a queda de sua taxa. O lucro que está em questão é a própria mais valia, porém medida em relação ao capital global e não em relação ao capital variável.

Entende Marx que, a queda na taxa de lucro é consequência do decréscimo relativo do capital variável e não do seu decréscimo absoluto. Na realidade o que predomina na produção capitalista é o aumento absoluto do capital variável a medida que aumenta o capital constante. Isto é na realidade uma necessidade do próprio sistema. O aumento no volume de meios de produção, consequência da constante revolução tecnológica impulsionada pela concorrência, necessita de uma massa maior de trabalhadores para movimentá-los. Isso corresponde a um aumento no montante de salários, ou seja, do capital variável. Mesmo que fique inalterada a taxa de mais valia, esse aumento corresponderia a uma elevação da massa de mais valia apropriada pelos capitalistas de toda a sociedade, portanto, há um aumento na massa de lucro. Porém, o que ocorre na realidade, é que nesse processo de elevação da composição orgânica do capital o grau de exploração do trabalho sofre uma elevação considerável, advinda da intensificação do trabalho, em outras palavras, do aumento da mais valia relativa. Os trabalhadores necessitarão de menor quantidade de tempo para reproduzir seus meios de subsistência, diminuindo assim o trabalho necessário pago pelo capitalista, elevando-se relativamente a este o trabalho excedente. Assim observa-se que duas fontes possibilitam o aumento das massas de lucro na

sociedade capitalista: o aumento do número de trabalhadores e a elevação do grau de exploração do trabalho, através da inovação tecnológica. Apesar disso a taxa de lucro não deixa de cair, muito pelo contrário, pois segundo Marx (1980:250):

"... as mesmas leis geram para o capital da sociedade crescimento absoluto da massa de lucro e taxa cadente de lucro".

Essa lei explica também, o fato de capitalistas individuais obterem massa de lucro cada vez mais elevadas, apesar da queda da taxa de lucro na sociedade. É que ela favorece a concentração de capital, onde capitalistas individuais passam a ter sob seu comando quantidade maior de trabalhadores. É claro que isso não significa uma diminuição do número de capitalistas, esse número aumenta, porém em menor proporção que o aumento da concentração de capitais. Há ainda a possibilidade de os capitais melhor colocados em termos de tecnologia atuarem no mercado com taxa de lucro abaixo da taxa média da sociedade, sem no entanto deixarem de realizar toda a mais valia que produzem, mas obrigando por outro lado, os capitais de composição inferior a não realizarem parte da mais valia por eles produzida. Este é um outro mecanismo que, embora artificial, favorece a concentração de capitais.

Então quanto mais se desenvolve o modo de produção capitalista, maior tem de ser a quantidade de capital constante para a mesma quantidade de capital variável. E essa acumulação de capital deve ainda ser maior se considerarmos que em termos absolutos a massa de trabalhadores aumenta constantemente. Isso provoca um processo de acumulação acelerada do capital, verdadeiro nascedouro das crises do capitalismo.

Essa lei, que encerra uma contradição aparente pode ser visualizada no caso das mercadorias individualmente consideradas. Com o desenvolvimento da produtividade do trabalho social, uma mesma quantidade de trabalho materializa-se numa quantidade maior de mercadorias.

Sabendo que o valor é medido pela quantidade de trabalho socialmente necessário, que essa quantidade diminui em cada mercadoria individual, diminuirá também o seu preço, já que este oscila em torno do valor das mercadorias. Em cada mercadoria have

rá menor quantidade de trabalho não pago, já que a magnitude total do trabalho vivo reduziu-se. Estamos, aí, abstraindo um possível aumento da taxa de exploração, que, se muito elevada, poderá contrabalançar essa menor quantidade de trabalho vivo contido na mercadoria através da redução do trabalho necessário. Com uma menor mais valia contida na mercadoria, menor será também o lucro aí existente. Mas, por outro lado, ocorre um aumento considerável do número de mercadorias produzidas com a mesma quantidade de trabalho, ocasionando um aumento da massa total do lucro num determinado número de mercadorias. Essa circunstância objetiva da produção capitalista é mal compreendida pela economia burguesa, que vê somente a aparência do fenômeno, ou seja, a realidade invertida tal como apareceu na concorrência. Segundo Marx (1980:264):

"(...) Aventa-se então que o capitalista, por ser esta sua livre e espontânea vontade, reduz o lucro por unidade, mas se compensa pelo maior número de mercadorias que produz".

Por haver alguns fatores fundamentais que se contrapõem e compensam a queda da taxa de lucro e por considerá-los, Marx passa a denominá-la. "Queda tendencial da taxa de lucro". São estes fatores: 1) aumento do grau de exploração do trabalho; 2) redução dos salários; 3) baixa do preço dos elementos do capital constante; 4) superpopulação relativa; 5) comércio exterior.

O primeiro fator, aumento do grau de exploração do trabalho pode ocorrer devido a um aumento na jornada de trabalho e/ou na intensificação da produção. Esta última pode ser feita pelo aumento da velocidade das máquinas ou impondo-se aos trabalhadores ritmo mais acelerado dando-lhes incumbência de vigiar mais máquinas. Estes fatores ao aumentar a mais valia relativa e a taxa, consequentemente aumentam a massa de mais valia pois, esta é dada pela taxa de mais valia multiplicada pelo número de trabalhadores.

Dessa forma, o aumento da taxa de mais valia quando ocorre em circunstâncias que não aumentam a composição orgânica do capital, atua no sentido de dar caráter de "tendência" à queda da taxa de lucro. Entretanto não pode-se deixar de considerar que as mesmas causas que aumentam a taxa de mais valia contribuem para diminuir a taxa de lucro.

O segundo fator citado, a redução dos salários, é importantíssimo como contratendência à queda da taxa de lucro, entretanto é determinado pela concorrência e pela correlação de forças entre patrões e empregados organizados.

Melhorias nos processos de produção, novas tecnologias, etc., contribuem para baratear os preços dos elementos do capital constante e impedir a efetiva queda da taxa de lucro. Neste particular, destaca-se o reaproveitamento dos resíduos, que retornam ao ciclo produtivo, e conseqüentemente ao consumo. A produção em larga escala torna tão grande o volume desses resíduos que é possível reaproveitá-los. O barateamento dos elementos do capital constante reflete em produtividade crescente, e ao mesmo tempo que aumenta o volume de capital constante a ser trabalhado pelo mesmo número de operários, impede o aumento proporcional do valor desse em relação ao seu volume.

Marx enfatiza que o comércio exterior contribui para baixar os preços dos elementos do capital constante através da busca de novos mercados e de taxas de lucro maiores pelos países mais desenvolvidos nos de mais baixo grau de desenvolvimento das forças produtivas. Os países com vantagem nessas transações recebem em troca mais trabalho do que fornecem, por isso atenuam os efeitos da queda da taxa de lucro. Estas vantagens decorrem de poderem vencer a concorrência que se estabelece no comércio exterior entre estes países (com taxa de lucro menor) e os com menores facilidades de produção (com maior taxa de lucro). Enfatiza ainda a existência de uma superpopulação relativa como outro fator decisivo na oposição à queda da taxa de lucro. Sua existência torna mais baixo o preço da força de trabalho abundante e por alguns ramos de produção resistirem à mecanização. Tendo em vista o baixo preço e a predominância do capital variável na composição desses capitais, extrai-se desses ramos grande volume de massa de mais valia e taxa contrapondo assim a queda da taxa geral de lucro.

A acumulação capitalista está assentada numa base contraditória. A acumulação de capital depende de exploração de trabalho vivo. Para aumentar-se essa exploração aumenta-se o capital constante, o que implica em superpopulação relativa. Apesar da existência de capital que possibilitaria o emprego de toda a população, isto não acontece porque seriam aguçadas as contradições inerentes à

produção de mais valia. As tendências de comportamento que causam a queda tendencial da taxa de lucro alternam-se: aumento da população trabalhadora, redução do capital constante, superpopulação relativa, queda da taxa de lucro, depreciação do capital, aceleração da acumulação, levando às crises. Segundo Marx (1980: 286):

"(...) As crises não são mais do que soluções momentâneas e violentas das contradições existentes, erupções bruscas que restauram transitóriamente o equilíbrio desfeito".

Especial atenção no estudo da queda tendencial da taxa de lucro deve ser dado à depreciação do capital, como maneira de assegurar a continuidade do processo de acumulação, o que pode ser observado hoje, especialmente através do processo de avanço tecnológico e do próprio papel do Estado.

4 - CONCLUSÃO

A discussão teórica da crise do capitalismo a partir da queda tendencial da taxa de lucro, passa necessariamente pelo entendimento da lei do valor e da natureza da contradição que este modo de produção está inserido.

O capitalismo movido pelas suas leis gerais, em que sobrepõe o processo de concentração de capital induz sempre a substituir o trabalho vivo, fonte de valor, pelo trabalho morto. O crescimento significativo do capital constante em relação ao capital variável induz a uma geração de mais valia que não responde ao montante de capital aplicado.

Explica Marx que, com o crescimento da composição orgânica do capital, uma quantidade menor de trabalho vivo movimentará uma quantidade maior de trabalho materializado, e sendo que somente o trabalho vivo cria valor, este decresce em relação ao valor dos meios de produção. O valor criado pela força de trabalho ao diminuir de forma relativa, faz decrescer a relação entre a mais valia e o capital global, refletindo à tendência da queda da taxa de lucro.

Em outras palavras, o descenso da taxa de lucro na dinâ

mica capitalista, prende-se ao fato de que, com o crescimento da composição orgânica do capital, o trabalho vivo é substituído pelo trabalho morto e, apesar do crescimento da massa de mais valia produzida, a relação entre o capital adiantado e a mais valia será cada vez mais desfavorável às pretensões do capital.

A existência da superacumulação de capital, apresenta-se como um sintoma transparente da crise de valorização. Esta situação é inerente ao capitalismo, mesmo utilizando-se dos fatores contrários à tendência declinante da taxa de lucro, fatores cuja importância o próprio Marx reconheceu, razão pela qual a lei apresenta-se como tendência.

Em suma, o sistema capitalista gera no seu interior a contradição em processo. A lei que o conduz a valorização acaba estreitando a base sobre a qual apóia-se essa valorização.

B I B L I O G R A F I A

1. BELLUZZO, L.G.M. Valor e capitalismo. São Paulo. Brasiliense. 1980. 121 p.
2. CASTELLS, M. A teoria marxista das crises econômicas e as transformações do capitalismo. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1979. 127 p.
3. MARX, K. As crises econômicas do capitalismo. São Paulo. Ched Editorial. 1982. 87 p.
O capital. R.J. Civ. Bras. livro 3. 1980, 305 p.
4. MAZZUCHELLI, F. A contradição em processo - o capitalismo e suas crises. São Paulo. Brasiliense. 1985. 196 p.
5. PIRES, E. Valor e Acumulação. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1979. 119 p.